



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Hércules Toledo Corrêa

Universidade Federal de Ouro Preto

orcid.org/0000-0001-7368-5635

herculest@uol.com.br

Ana Cláudia Rôla Santos

Museu Casa de Alphonsus

orcid.org/0000-0001-5989-334X

claudiarolaster@gmail.com

A literatura em exposição: Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar a literatura como objeto museológico, a partir do estudo da exposição de longa duração Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar, do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens. A análise se fundamenta em pressupostos da Pedagogia dos Multiletramentos e em conceitos bakhtinianos. A palavra multiletramentos faz referência à multiplicidade de linguagens, à diversidade de culturas e aos usos das tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem no mundo contemporâneo. Assim, intentamos apresentar as diferentes salas que compõem a exposição, procurando demonstrar como visitantes de um museu, de diferentes faixas etárias, condições sociais e níveis de escolaridade podem se sentir pertencentes a esse espaço, considerado de prestígio cultural e do qual é muitas vezes excluída grande parte da população brasileira. Conforme comentários feitos pelos visitantes, identificamos de que maneira a produção literária alphonsina, bem como o acervo pessoal e familiar do escritor, foram significativos nas experiências de leitura multimodal dos sujeitos, colaborando para seus multiletramentos.

Palavras-chave: Literatura em exposição; Museus literários; Multiletramentos; Alphonsus de Guimaraens.



Definida simplificada como manifestação artística por meio de palavras, a literatura surge como expressão oral, por meio de mitos, lendas, anedotas, ditados, dentre outros, e se legitima com a escrita no suporte livro, com epopeias, poemas, tragédias, comédias, contos, novelas, romances, para citarmos alguns dos gêneros literários mais comuns em toda sua história. Hoje em dia, quando perguntamos “onde está a literatura?” com certeza a resposta não é simplesmente: “a literatura está nos livros”. A circulação da literatura há muito ganhou outros meios e suportes. A literatura está na música, nas artes plásticas, na fotografia, no cinema, nas telenovelas e nas séries dos *streamings*. A literatura também está no contexto que a produz, em que circula e onde é experienciada. A literatura está nos intertextos produzidos a partir dela. A literatura está em muitos lugares.

Um dos espaços onde a literatura circula são os museus e, dentre esses, os museus dedicados aos autores e suas obras, como é o caso do Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens, cujo acervo em sua relação com o visitante é o objeto deste trabalho, com vistas a tratar desse tipo de espaço como um lugar privilegiado para o desenvolvimento da habilidade de interpretar diferentes formas e modos de linguagem, no desenvolvimento dos multiletramentos.

Qual é o público de um museu como a Casa Alphonsus de Guimaraens? Pensemos nos diferentes grupos que habitam ou que passeiam pela barroca cidade mineira de Mariana: crianças e jovens de diferentes níveis escolares, da educação infantil ao ensino médio; universitários e pós-graduandos; turistas de diferentes partes do Brasil; grupos da terceira idade; pacientes com sofrimento mental, e um sem-fim de pessoas com características bem distintas do ponto de vista etário, cultural, social, identitário... Apreciar os objetos nele expostos depende de um certo repertório cultural mas o próprio museu pode proporcionar ao seu público, por meio do seu setor educativo, acesso mais aprofundado ao seu acervo, a fim de que o público tenha uma experiência mais fecunda com o material em exposição. Embora nossa intenção primeira não seja a proposição de

um guia às diferentes salas da exposição de longa duração aqui apresentadas, acreditamos que este artigo possa



contribuir para a formação de monitoresⁱ ou mediadores de museus, atuando, nesse caso, também como uma espécie de mediadores de leitura, entendendo a leitura em sentido bem amplo, abarcando múltiplos sistemas semióticos.

Procuramos refletir, com este artigo, sobre os modos como os conhecimentos relacionados às práticas de letramento, estudadas nos últimos anos no meio acadêmico, podem dar sua contribuição para esta área. Dessa maneira, entendemos o museu como espaço de leitura, de aprendizagens diversas, e como um direito a bens culturais a que todos os cidadãos merecem ter acesso.

MUSEUS E SUAS EXPOSIÇÕES

A relação entre literatura e museus remete-nos à mitologia grega. Museu (de Μουσῆος/Musaños) é fruto da união entre Orfeu, poeta e músico, e Selene, a lua, fonte de inspiração de vários poetas. Orfeu, por sua vez, é filho de Apolo, deus do sol, e Calíope, musa dedicada à poesia épica, filha de Zeus, o senhor do Olimpo, o deus dos deuses, e Mnemosine, a deusa da memória. Analisando essa genealogia mitológica, Museu é, portanto, “um canto onde a poesia sobrevive” (CHAGAS, 2002, p. 6). Museu traz consigo a poesia épica de Calíope, a lira de Apolo, o canto de Orfeu e a inspiração de Selene, tudo isso associado à memória, Mnemosine.

A palavra museu, advinda do campo de estudo da museologia, tem também a origem etimológica no grego *mouseion*, aqui entendida como “templo das musas”, e o termo museu “tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2016, p. 64).

Uma definição profissional de museu mais conhecida entre especialistas está presente nos estatutos do ICOM – Conselho Internacional de Museus:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2016, p. XX)ⁱⁱ



Essa definição, marcada pelo contexto ocidental, é normativa com um fim corporativo, e, se a analisarmos pelo viés de uma conceituação científica e a partir da observação dos museus existentes, há algumas instituições que não se adequam totalmente a essas características, mas que são reconhecidas como museus. O museu não precisa necessariamente ocupar um espaço físico nos moldes a que estamos acostumados. Contemporaneamente, temos, por exemplo, os *museus virtuais* ou *cibermuseus*, que apresentam um acervo digitalizado e transcendem os modos tradicionais de interação com o visitante; além dos museus de territórios, *comunitários* e *ecomuseus*, que são associados ao desenvolvimento de uma comunidade, à conservação de um patrimônio natural. Sendo assim, podemos agregar a essa definição algumas outras, que veem o museu de maneira mais ampla, como nas concepções abaixo, destacadas por Desvallées e Mairesse (2016):

instrumento destinado a favorecer a percepção de interdependência do Homem com os mundos natural, social, estético, oferecendo-lhe informações e experiência, e facilitando a compreensão de si mesmo em um contexto mais amplo (SPIELBAUER, 1987);

88

uma função específica, que pode tomar a forma ou não de uma instituição, cujo objetivo é garantir, por meio da experiência sensível, o acúmulo e a transmissão da cultura entendida como o conjunto de aquisições que faz de um ser geneticamente humano, um homem (DELOCHE, 2007).

Essas definições enfatizam o caráter social dos museus, a partir da relação do homem com outros elementos da natureza e, principalmente, das relações propriamente humanas. Sendo assim, os museus não podem ser vistos como espaços estáticos, mas em movimento, impulsionados pelas transformações políticas, econômicas e sociais.

As atividades do museu têm como ponto central as coleções, o conjunto de objetos materiais e imateriais adquiridos com o “objetivo de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico”.ⁱⁱⁱ Se a coleção tinha como ponto principal os objetos materiais, hoje, a partir do reconhecimento e da valorização do patrimônio imaterial, é a documentação do processo de coleta a informação de maior importância.

O acesso do público às coleções dos museus é composto, basicamente, pelas exposições, de longa duração e temporárias, pelas publicações e por meio de ações



educativas. A exposição, que significa tanto o ato de expor quanto o conjunto daquilo que está exposto, é considerada uma das principais funções do museu e, como parte integrante do sistema comunicativo, é ela que vai instigar o diálogo com o visitante.

Dentre as diversas formas de manifestações artísticas, tais como a pintura, a escultura, a música, a arquitetura e a dança, temos a literatura, à qual também se destinam alguns museus do mundo. Nossa proposta aqui é apresentar a literatura como objeto de exposição, a partir do estudo da exposição de longa duração do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens intitulada *Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar*.

O ESPAÇO E A INSTITUIÇÃO

89 O Museu Casa Alphonsus de Guimaraens é um dos museus da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, situado em Mariana, Minas Gerais, cidade onde viveu o poeta. A ideia de dedicar um museu a Alphonsus surgiu como proposta do seu filho, o acadêmico Gui Alphonsus de Guimaraens, em sessão solene da Academia Marianense de Letras, em 15 de julho de 1971. Em 26 de fevereiro de 1975, o governo de Minas Gerais adquiriu o sobrado de números 35 e 37 da Rua Direita em Mariana - MG, local onde viveu e faleceu o poeta, com intuito de transformá-lo em museu. A casa passou por um processo de restauração entre 1976 e 1979 e em 1984, com a criação da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, foram feitos os estudos preliminares para que em 7 de março de 1987 o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens fosse inaugurado. O acervo, doado pela família do poeta, é composto por objetos de uso pessoal, mobiliário, utensílios domésticos, documentos, livros, originais de poemas, correspondências, fotografias e jornais que revelam e evidenciam o universo literário e cotidiano de Alphonsus.

Durante um longo período, de 2009 a 2016, o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens ficou fechado para mais uma reforma e restauração predial e, entre 2017 e 2018, com o patrocínio da CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais, através da Lei de Estadual de Incentivo à

Cultura – MG, foi concebida a exposição de longa duração
Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar.



O POETA E SUA PRODUÇÃO

Afonso Henriques da Costa Guimarães (1870-1921), autodesignado Alphonsus de Guimaraens, nascido em Ouro Preto, muda-se para Mariana em 11 de fevereiro de 1906, após ser nomeado Juiz Municipal da Comarca de Mariana, vindo de Conceição do Serro (atualmente Conceição do Mato Dentro). Fundada em 1696, Mariana foi a primeira vila, a primeira cidade, a primeira Capital e a primeira sede do Bispado de Minas Gerais. Reconhecida pela riqueza mineral, o ouro, recebeu esse o nome em homenagem à princesa Mariana D' Áustria, esposa de Dom João V.

A chegada do poeta (não a do Juiz) Alphonsus à cidade, é marcada pela publicação de um soneto^{iv} no jornal local *O Germinar*, de 24 de junho de 1906, que ele dedica ao poeta árcade marianense Cláudio Manuel da Costa:

Às margens destas águas silenciosas,
Quantas vezes berçaste a alma dorida,
Esfolhando por elas, como rosas,
As suaves ilusões da tua vida! (...)

(...) O teu sonho deixaste-o nestas águas...
E hoje, revendo tudo que sonhaste,
Por elas também deixo as minhas mágoas.
(GUIMARAENS, 2001. p. 369)

Conforme podemos observar no trecho destacado, Alphonsus dialoga com Cláudio Manuel, assumindo o seu lugar na tradição poética da cidade. A partir desse dia, passa a ser “o poeta de Mariana”.

A cidade de Mariana, nessa época, não tinha mais a riqueza e a visibilidade do período colonial, mas continuava reconhecida e respeitada como referência cultural, política e religiosa em Minas Gerais. Acima de tudo, tinha uma atmosfera propícia à produção da poesia simbolista.

Segundo João Alphonsus^{vi}, filho e biógrafo do poeta, “Não houve acomodação entre o espírito de Alphonsus e o ambiente espiritual da cidade de duzentos anos, mas o



encontro perfeito de uma vida humana e de uma vida coletiva de sossego e misticismo” (MURICY, 1987, p. 446). Pelos moradores da cidade, Alphonsus ficou conhecido como o “Doutor Poeta”. Dos amigos de fora e estudiosos da literatura recebeu a alcunha de “O Solitário de Mariana,” “mas uma solidão como defesa íntima, como riqueza interior”. Inserido na comunidade, fazia versos para amigos e pessoas da sociedade, propagandas para as lojas de secos e molhados, poesias e crônicas para os jornais locais, *O Germinal* e *O Alfinete*; e externos, *A Gazeta*, de São Paulo; *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, dentre outros. Levava a vida de um homem do interior, com poucos recursos, pagando aluguel e com quinze filhos, ao todo. Em correspondência de 09 de abril de 1908, enviada ao amigo Mário de Alencar^{vii}, declara: “o clima aqui é excelente. Sou juiz municipal, ganho uma miséria, mas vou vivendo.” (BUENO, 2002, p. 8) Se havia problema financeiro, isso não influenciava na criação poética, mas impedia a publicação, como ele mesmo disse em outra carta enviada a Mário de Alencar, datada de 2 de maio de 1913: “Tenho escrito bastante e se não fosse a honesta falta de numerário que me felicita, poderia pelo menos publicar três livros nesse ano”. (BUENO, 2002, p. 15).

A atmosfera marianense permeia alguns dos seus poemas e crônicas e, principalmente, sobressai em suas correspondências. Em 1911, escreveu a letra do *Hino do Bicentenário da Cidade de Mariana*^{viii}, estreitando ainda mais os laços com os marianenses. Após sua vinda para Mariana, viaja uma única vez para Belo Horizonte, em 1915, para encontrar o amigo José Severiano de Rezende, e algumas poucas vezes vai à sua cidade natal, que ficava a uma hora de trem de Mariana. Viveu em Mariana até 1921, ano da sua morte.

Isso tudo precisava, de alguma forma, estar presente no Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, que, por muito tempo, foi uma casa com objetos, documentos e fotos referentes à vida e obra de Alphonsus, mas, como num poema, “aquilo que dá vida às coisas não é visível, não é tangível, não é físico. Sem sensações, sentimentos, pensamentos e intuições as coisas estão mortas” e assim “sem movimento e energia os museus se transformam em casas de coisas desumanizadas” (CHAGAS, 2009, p. 16). A direção do

Museu entende, então, que precisava trabalhar para humanizar mais o espaço.



APRESENTAÇÃO ANALÍTICA DA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

Na exposição, foram buscados elementos que não só aproximassem o visitante da poesia simbolista, mas também que apresentassem uma visão ampla de Alphonsus de Guimaraens; que contemplasse o homem, mas que ressaltasse também o artista. Uma exposição que fizesse com que a comunidade reconhecesse o poeta como parceiro e reconstruísse com o sobrado da Rua Direita uma relação de vizinhança, e que todos, comunidade e turistas, se sentissem no ambiente da casa mineira, no sentido genuíno da expressão, e também ouvissem “uma voz que já se apagou, mas que curiosamente ainda grita em nossos ouvidos” (BUENO, 2002, p. 12) e percebessem que é possível dialogar com ela.

O primeiro passo foi determinar o conceito da exposição. O que seria comunicado? Qual mensagem seria transmitida? De que forma? Ou melhor, qual linguagem ou linguagens seriam utilizadas?

Uma equipe multidisciplinar - das áreas de letras, museologia, história, arquitetura, *design*, restauração e conservação, artes visuais e administração - foi reunida para pensar esse conceito, construído a partir do diálogo. A primeira constatação foi a de que o acervo sustentava uma abordagem em que a criação, a obra, se sobressaía ao criador. Então o Alphonsus, *autor-criador*^x, é mais presente do que o Alphonsus, *autor-pessoa*, mas como a tipologia do museu, *Museu Casa*^x, aponta para a questão da vida doméstica, da relação familiar, isso também deveria ser considerado.

Dessa forma, foi feito um recorte na vida e obra de Alphonsus e a partir de um roteiro expositivo, foi definida a temática de cada sala, respeitando a arquitetura da casa. Foram definidos os textos e objetos do acervo relativos a essas temáticas, ou seja, foram determinados os elementos que deveriam ser evidenciados, de modo que a exposição não seria o fim de um processo, pois é uma proposta que estará, permanentemente, articulando com outros elementos, em



constante ressignificação. Esse caráter da exposição como algo em constante transformação fundamenta-se no cerne da comunicação como realização concreta da interação verbal, como realidade fundamental da língua, o processo de *expressar-se em relação ao outro*, e não simplesmente *para o outro*. Assim, a exposição, entendida como uma forma de discurso, vê o seu interlocutor, o visitante, não como um sujeito passivo, que vai apenas absorver o que foi comunicado, mas um sujeito que assume uma ativa posição responsiva, como coloca Bakhtin:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2006, p. 271).

Antes de darmos continuidade à explanação da proposta expográfica^{xi}, é necessário abordamos a questão da musealização, que é

a operação de extração física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal - isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um 'objeto de museu' que se integre no campo museal (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2016, p. 56).

93

A musealização da literatura no Brasil tem como marco o *Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB)*, da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, no Rio de Janeiro, criado em 1972. Ao consultarmos a página da instituição, no texto referente ao arquivo, temos a informação de que a inspiração para criação do Arquivo surgiu da crônica *Museu: Fantasia?*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em julho de 1972, no *Jornal do Brasil*, da qual destacamos o seguinte trecho^{xii}:

Meu sonho é ver reunidos, em sala bem arrumada, o manuscrito de *Iracema*, o tinteiro de Alphonsus de Guimaraens, o caderno de exercício de alemão de Machado de Assis e uma lembrança de Lima Barreto e mais isso ou aquilo que nos restitua a presença, o esforço criador, a esquecida memória dos que, no Brasil, praticavam o ofício da palavra (ANDRADE, 1972, p. 5).

Nesse recorte, a primeira impressão, referência direta, é a dos objetos concretos, que nos remeteriam aos escritores, mas há elementos que nos mostram a amplitude desse museu, os manuscritos, como de *Iracema*, que nos levariam a outro lugar, para além do suporte em papel, *o esforço criador, o ofício da palavra* remete-nos também a outro

patamar, o da criação literária, o do fazer artístico, do autor-criador.

Chagas (2011) discorre sobre a relação entre literatura e museu:



Museu e literatura transitam pelo campo da memória, da criação, da coleção, e do patrimônio cultural. A experiência museal, especialmente no que se refere à comunicação, é uma forma de experiência poética. Se, por um lado, a experiência poética dos museus sensibiliza, toca, provoca, e convoca alguns criadores que, comovidos e movidos com a experiência, envolvem-se com a brotação de novas possibilidades poéticas; por outro lado, a produção simbólica de determinados criadores ou processadores estimula novas experiências museais (CHAGAS, 2011, p. 11).

A experiência museal, como forma de experiência poética, no sentido da comunicação, da exposição, é também um fazer artístico. Tal como na literatura, os objetos expostos também são polissêmicos, o visitante os interpreta em função da sua própria cultura. A literatura musealizada deve, portanto, deixar transparecer as entrelinhas, extrapolar o signo verbal, com um cuidado de não limitar o leque interpretativo, para não perder o *status* de linguagem artística.

Dessa maneira, vemos como produtivo o conceito de multiletramentos, a fim de otimizarmos a experiência estética do visitante de um museu. Divulgadora da Pedagogia dos Multiletramentos no Brasil, Roxane Rojo (2012, p. 23) enfatiza que os multiletramentos envolvem leitores interativos (e, mais, que isso, colaborativos), capazes de lidar com materiais híbridos, fronteiriços e mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). Embora a pesquisadora em seu texto esteja tratando da relação de sujeitos com materiais digitais, essas características também servem para os leitores e experienciadores de objetos multimodais contemporâneos, como intentamos mostrar com a exemplificação das salas do Museu Alphonsus de Guimaraens.

Ao apreciarmos o acervo de um museu literário, instauramos uma situação discursiva considerando a multimodalidade constituinte desses objetos. Lembremos que o termo multimodalidade se refere às diferentes linguagens (os diferentes modos de linguagem) de que constituem uma determinada forma de comunicação (KRESS, 2000, p. 182-202). Se todos

os textos são multimodais, ao considerarmos que mesmo textos estritamente verbais possibilitam a identificação de diferentes modos de linguagem, como a sua forma de



distribuição pela página (diagramação), a cor e a qualidade do papel, a presença de diferentes fontes e seus formatos e tamanhos, os caracteres especiais, os itálicos, sublinhados e negritos, dentre tantas outros recursos gráficos, os textos impressos numa exposição museográfica literária expandem essa característica multimodal, na medida em que são mais evidentes e expressivas as modalidades linguísticas que os constituem, como se pode depreender na descrição analítica das salas da exposição abaixo comentadas.

Retomando a exposição de longa duração do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, é preciso destacar que tivemos como desafio transpor os textos literários para outra linguagem, a museológica, constituída de um conjunto de outros modos de linguagem, como veremos a seguir.

A exposição foi intitulada *Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar*, uma referência advinda da produção literária de Alphonsus, em que a lua é um elemento recorrente, tanto na prosa como na poesia. Vários escritores referem-se a Alphonsus como o *poeta do luar*, designação que se encontrava, inclusive, inscrita em uma cruz de madeira de seu túmulo, no cemitério da igreja do Rosário, em Mariana: “Aqui jaz o poeta do luar”^{xiii}.

Destacamos um trecho do poema de Drummond, escrito em comemoração ao centenário do poeta simbolista, em 1970:

Hoje peço uma lua diferente
para Ouro Preto
Conceição do Serro
Mariana.
Não me venha a lua de Armstrong
pisada, apalpada
analisada em fragmentos geológicos
Há de ser a lua mágica e pensativa
a lua de Alphonsus
sobre as três cidades de sua vida. (...)
(...) É para sentir o luar
extra que envolve
Ouro Preto, Mariana, Conceição
filtrado suavemente
da poesia de Alphonsus, no silêncio
de sua mesa de juiz municipal

meritíssimo poeta do luar (...)
(...) E essa lua eu peço: aquela mesma
barquinha santa, gôndola
rosal cheio de harpas
urna de padre-nossos
pão de trigo da sagrada ceia
lua dupla de Ismália enlouquecida
lua de Alphonsus que ele soube ver
como ninguém mais veria
de seus mineiros altos miradouros (...)



A curadoria da exposição pretendia que ela despertasse no visitante essa sensação mágica da lua, que seduziu o poeta, e como o luar, iluminasse a todos, sem distinção, permitindo uma interação livre, sem prerrogativas.

Dessa forma, foram concebidas seis salas expositivas que mantêm as seguintes denominações: *A Visita*, *A Poesia*, *Biblioteca*, *Ismália*, *A Escrita* e *A Família* e ainda, uma sala destinada às exposições temporárias e um espaço para atividades educativas.

A seguir, descrevemos as salas do Museu, demonstrando o objetivo da exposição, ao mesmo tempo em que procuramos analisar seus possíveis efeitos no visitante e ilustrando, nos últimos parágrafos desta seção, com alguns depoimentos coletados pela coordenadora do museu e uma das autoras deste artigo.

Ao entrar no museu, logo na recepção, na parede em frente à porta de entrada, leem-se os seguintes versos alphonsinos:

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

Esses versos, dos mais simbolistas da obra de Alphonsus, têm como característica principal a sinestesia, a mistura das sensações. Por meio deles o visitante é convidado a sentir o lugar, a interagir com os textos, com os sons, objetos, fotografias, enfim, com todo o ambiente. O visitante é convidado a deixar fruir as sensações num sobrado que nos remete ao século XVIII, com elementos do final do século XIX, início do XX, e adequado ao século XXI. Memória e história de um tempo passado dialogando com o momento presente.



No corredor de acesso ao segundo piso, há informações sobre o poeta, vida e obra, e também sobre o sobrado, transformado em Museu.

Ao iniciarmos a visita à exposição, subimos “degraus de palavras”. Uma escada em cujos degraus estão escritos e inscritos os vocábulo mais recorrentes da poesia produzida por Alphonsus, remetendo o visitante a uma experiência concreta do fazer poético. No alto da escadaria, Alphonsus e sua esposa, Dona Zenaide, como bons anfitriões, aguardam o visitante em uma fotografia de dimensão 1,20m x 1,00m (ver Fig. 1).

Figura 1 – escadaria de acesso ao Museu



Fonte: acervo dos autores

Logo na primeira sala, *A Visita*, várias fotografias cobrem as paredes, acompanhadas de impressões sobre o anfitrião e de sua produção literária, sob o formato da *Folhinha Alphonsina*, indicando que é tempo de Alphonsus (Fig. 2).^{xiv} Um jogo de móveis de sala da época, composto por uma cadeira de três lugares e quatro cadeiras individuais, em madeira entalhada com estofamento em couro, compõe o ambiente (Fig. 3). Em uma pequena vitrine observam-se objetos do poeta: pasta, cartão de visitas e chave da casa, coisas de quem acaba de chegar. Além de ser a sala de visita da casa de Alphonsus, relembra-se ali um fato que ocorreu há cem anos, a visita do ilustre poeta modernista Mário de Andrade, por meio de uma cópia da carta que, após a visita, Alphonsus escreveu a Mário, bem como um trecho da revista *A Cigarra*^{xv}, em que Mário fala da importância de Alphonsus. Assim, da mesma forma que Drummond, no poema *A Visita*^{xvi} imortalizou o momento



do encontro de Mário com Alphonsus, (re)criando o diálogo daquela maneira que só os poetas são capazes, é possível (re)viver memórias, semelhantes às que Mário trouxe para Alphonsus, da mocidade, da vida de estudante naquela São Paulo do final do século XIX, da Faculdade de Direito, da Vila Kyrial^{xvii} e ainda despertar outras que nem se sabem existentes, como as memórias de infância. Surpreender como Mário surpreendeu ao declamar, em inglês, *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. Acima de tudo, ser recebido como Alphonsus recebeu Mário e promover “uma hora de inesquecível sensação”.^{xviii} Apresentar Alphonsus, a partir da literatura brasileira, de textos de outros escritores, em tempos distintos, das fotografias e objetos, marca a ideia, já explorada aqui neste texto, de que o visitante vai, pela vivência presente, construir o seu Alphonsus, ou seja, torna-se um visitante ativo, que dialoga com a exposição e constrói os sentidos a partir de seu repertório cultural. Destaca-se que uma das interações mais recorrentes no Museu, principalmente entre os adolescentes, é tirar uma *selfie* com o poeta, para postagem nas redes sociais.

98

Figura 2 - Fotos de família



Fonte: acervo dos autores

Figura 3 – Fotos de família e mobiliário da casa



Fonte: acervo dos autores

A sala seguinte, *A Poesia*, apresenta a temática amor e morte sob a perspectiva biográfica, que até pouco tempo era unanimidade na crítica alphonsina, personificada na fotografia da noiva Constança, prima falecida aos 17 anos, deixando o poeta “viúvo” antes do casamento (Fig. 4). Porém, as poesias e os textos expostos podem conduzir para outros caminhos de leitura, acompanhando a crítica recente sobre o poeta, como procurou fazer, por exemplo, Eduardo Horta Nassif Veras em sua dissertação de

mestrado (2009), publicada posteriormente em livro (2016), intitulada *O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens:*



uma leitura do Setenário das Dores de Nossa Senhora, em que associa a arquitetura do texto à composição do oratório musical, interpretando a estrutura textual e o comportamento da voz poética como representação da condição do poeta simbolista, que vive o conflito entre a busca pela experiência poética do mistério e o reconhecimento da precariedade da linguagem.

Nesta sala há também relíquias devocionais da família, que remetem à tão presente tradição litúrgica cristã-católica na poética alphonsina. O ambiente é o de Mariana do início do século XX, como Alphonsus descreve em uma crônica publicada no jornal *O Germinal*:

As nossas velhas cidades, que olham religiosamente para o passado, de onde lhes vem o fulgor imorredouro de toda a sua glória (...) Quem não se comoverá ao vê-las assim abandonadas (...) Viram a corte de dominadores espalhar-se pela vastidão do nosso território, na insaciável sede de ouro e das pedras preciosas (GUIMARAENS *apud* GUIMARAENS FILHO, 1995, p.55)

Figura 4 – Sala A Poesia



Fonte: acervo dos autores

Figura 5 – Sala A Biblioteca



Fonte: acervo dos autores

A sala *A Biblioteca* vem na sequência (Fig. 5). A leitura, os grandes nomes das literaturas brasileira e estrangeira, destacando-se os franceses precursores do movimento simbolista, a obra de Alphonsus e sua fortuna crítica, todos ocupando o mesmo espaço, já que a memória literária^{xix} permite com que o autor faça do seu texto parte dela, ou seja, um poeta inserido na tradição e no exercício do fazer artístico. A exposição neste espaço fundamenta-se nos conceitos de intertextualidade e polifonia, com suas interseções: o diálogo entre textos diversos e as diferentes vozes presentes nos textos. Outra característica dessa sala é a metalinguagem, uma vez que os textos literários selecionados para compor o espaço tratam da própria criação literária do âmbito do movimento simbolista. Além disso, são apresentados os



pseudônimos ou nomes literários usados pelo poeta em sua obra, de acordo com o gênero textual, o propósito, o público, destacando que o próprio nome, *Alphonsus de Guimaraens*, é uma construção. O escritor, influenciado pelo movimento simbolista, latinizou seu próprio nome. Antes disso, publicou com os seguintes nomes: *Affonso Guimarães; Guy; Alfonso Guy; Alfonso Guimarães; Affonso Guimaraens; Affonso de Guimarães; Guy d' Alvin; Alphonsus o Mystico+; Senhor Alphonsus, o Mystico; Alphonsus de Guymar; Dom Alphonsus*, até que, em 1894, aparece a assinatura *Alphonsus de Guimaraens*. E nas crônicas, versos humorísticos e charadas ainda aparecem os pseudônimos: *Quatrigerebas, Punch and Gin, Whisky, Catimbau, Birr, Old Tom, João das Selvas, João Ventania, João Carrilho, M. Mathias, M., Procópio Pitanga, Hidalgo, Ritter Brau, Kirch, Kirch-Wasser, Zé P'reira, Duinhas, Gin, Juan Matamoros, Dom Fuas, Lys Boa, Joaquim Araújo, Jovelino Gomes, Raimundo Manecas, Dr. Rapadura*.

Na próxima sala, denominada *Ismália* (Fig. 6), cenas do poema de mesmo nome, reproduções imagéticas, usando como técnica a colagem, feitas pelo artista plástico Roberto Marques (2018), povoam um céu azul, inundado pela voz de Milton Nascimento, que canta os versos de Alphonsus^{xx}. Trata-se do mais conhecido poema de Alphonsus de Guimaraens. Em sua primeira versão, publicada em 1910, no jornal *O Germinal*, recebeu o nome de *Ofélia*, referência à personagem de Shakespeare. Até pouco tempo não havia informação de quando Alphonsus substituiu *Ofélia* por *Ismália*, mas em 2020, exatamente 100 anos depois, Ana Cláudia Rola Santos, em pesquisa documental, encontrou a publicação que marca essa mudança na revista *A Cigarra*, nº 150, dezembro de 1920^{xxi}. O poema *Ismália* adquiriu “vida própria” e transita livremente em outras artes, sobretudo na música, que sempre lhe dá uma nova roupagem, como as partituras em exposição, de Capiba (1955)^{xxii} e Cláudio de Freitas (2012), uma peça para coro e orquestra^{xxiii}. No âmbito da própria literatura o texto também é recriado, como a edição para crianças produzida por Odilon Moraes (2006): em formato livro-sanfona ou livro-panorama, em cujas páginas estão as estrofes do poema

alphonsino integradas às imagens produzidas pelo ilustrador e projetista gráfico Odilon Moraes. O leitor, ao percorrer as páginas do livro, que na vertical assemelham-se a uma torre,



reproduz o movimento de Ismália, que olha a lua no céu e olha a lua no mar. Dessa maneira, a obra proporciona ao leitor fazer da leitura uma experiência sinestésica, recurso bastante usual da poesia simbolista.

Esse icônico poema alphonfino apresenta a concepção dicotômica do homem que, constituído de corpo e alma, marca da mentalidade cristã tão presente na obra do “poeta do luar”. Analisando-se sua forma, observa-se que a métrica escolhida é a redondilha maior, um verso de sete sílabas poéticas, de caráter mais popular, cuja utilização explica “em parte, a popularidade alcançada por um poema complexo em estruturação simbólica” (GUIMARAENS, 2001, p. 22). A lua, que seduz e engana Ismália, é uma fiel companheira de Alphonsus, conforme ele próprio diz em seus versos “Quando há lua no céu, deito-me tarde”. Aqui o poema *Ismália* é visto no contexto da multimodalidade, partindo das características multissemióticas inerentes ao texto literário, que extrapola o signo linguístico verbal e materializa-se nas e pelas outras linguagens, ampliando assim os meios de interação com o visitante.

101

Figura 6 – Sala *Ismália*



Fonte: acervo dos autores

A versatilidade do poema *Ismália* e a recepção positiva, por parte do público infantojuvenil, de outros poemas de Alphonsus, levaram à publicação, em 2018, como material educativo do Museu, do livro *É que os anjos mamam na lua – Alphonsus de Guimaraens para crianças*, uma seleção de 10 poemas organizada por Ana Cláudia Rola Santos, ilustrada com colagens do artista plástico Roberto Marques e com *design* gráfico de Flávio Vignoli. Com essa pequena

A LITERATURA EM
EXPOSIÇÃO: ALPHONSUS DE
GUIMARAENS...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 85-110, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

coletânea, intenciona-se proporcionar outro olhar para a poesia alphonsina, quase sempre associada à tristeza e à melancolia.



Na penúltima sala, *A Escrita*, o “Solitário de Mariana” já não se apresenta tão solitário assim. Na sua correspondência ativa e passiva, aparecem os bastidores da produção literária brasileira do final do século XIX e início do XX; a camaradagem entre amigos que se dispunham a ler os textos uns dos outros, buscando o melhor desempenho literário; os desabafos, as angústias compartilhadas e, principalmente, na perspectiva do *autor-pessoa*, a vida no interior de Minas Gerais. Nessas cartas, reafirma a ideia de Alphonsus como persona literária, o que sugere a distinção bakhtiniana *autor-pessoa* e *autor-criador*, no caso da poesia, o que denominamos *eu-poético* ou *eu-lírico* (num paralelo, poderíamos pensar em eu-poeta e eu-poético). Nas correspondências para familiares ou pessoas próximas, nas quais o poeta aborda assuntos cotidianos, familiares, assina simplesmente *Affonso*, já nas correspondências em que a temática é sobre literatura e construção poética, envio de artigos para jornais e revistas, assina *Alphonsus de Guimaraens*. Na parede, a referência ao poeta inglês Edgar Allan Poe é explicitada pelo poema *A cabeça do corvo*, que, sobretudo, enfatiza a própria criação literária, a metalinguagem, novamente, através de uma temática privilegiada pelos poetas do século XX, “[a] impureza da arte, nascida de pulsões obscuras e contraditórias” (SECHIN, 2014, p. 175). No final do poema (*Pois dele sangra o desespero torvo/Destes, versos que escrevo*), a fusão de “poeta-poesia-tinteiro-corvo surge através da transformação da tinta em sangue” e “tudo se traduz em escrita” (SECHIN, 2014, p.175).



Figura 7 – Sala A Escrita



Fonte: acervo dos autores

Figura 8 – Sala A Família



Fonte: acervo dos autores

103

Na última sala, *A Família* (Fig. 8), fechando e/ou recomeçando um ciclo, são apresentados os *Guimaraens*. O ambiente familiar mineiro, que por um lado assemelha-se ao de inúmeras outras famílias, mas, por outro, distingue-se pela pulsante veia literária que acompanha as gerações. De novo, o sangue funde-se à escrita, Alphonsus, João Alphonsus, Alphonsus Filho, Afonso Henriques Neto e outros mais que dão e darão continuidade ao ofício iniciado por Bernardo Guimarães, tio-avô de Alphonsus.

O “canto onde a poesia sobrevive”, como definição de museu, apresentado no início deste artigo, concretiza-se. O que motiva essa sobrevivência é a própria linguagem, na sua heterogeneidade, nas relações dialógicas, na polifonia.

No caderno de sugestões, disponível na portaria do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, para que os visitantes, espontaneamente, deixem suas observações há a seguinte provocação: *DEIXE SEU RECADO! “SÊ FRANCO, POIS NISTO ESTÁ A PROVA MAIS ROBUSTA DA TUA AMIZADE, DO TEU INTERESSE PARA COMIGO” ALPHONSUS DE GUIMARAENS, 02/09/1908^{xxiv}*

Muitos visitantes deixam suas impressões e registramos aqui algumas delas, que nos chamaram mais a atenção, omitindo, por questões éticas, a autoria:

Como revelar em palavras o que se vai no coração? Como tentar escrever na casa de Alphonsus sobre sentimento? Humildemente, quero deixar registrado a emoção de estar aqui... o lugar emana sensações e inspira a poesia e está envolto dela. Foi uma experiência incrível. (13/07/19)

Um poeta, um boêmio, um pai...um marco importante, uma memória viva da cultura brasileira.

Um professor de literatura visitar um museu de Alphonsus de Guimaraens é ter total contato com aquilo que sempre ensinou verdadeiramente. (14/07/19)



Que maravilha ter oportunidade de visitar o museu de uma das maiores personalidades de nossa literatura. Foi, para mim, uma oportunidade de voltar ao meu tempo de faculdade de letras e voltar a vislumbrar com seus belíssimos poemas. Parabéns à organização. Continuem a divulgar esse tão nobre poeta, para que essa geração possa se deliciar de momentos poéticos que Alphonsus de Guimaraens nos propicia. (17/07/2019)

É um prazer visitar a casa do grande poeta Alphonsus de Guimaraens. Este sempre foi uma referência para mim, ajudando-me a superar a dura realidade e a redimensionar os meus sonhos. (27/01/2020)

Decorridos alguns anos da inauguração da exposição, constatamos que ser um Museu do século XXI não é possuir equipamentos de última geração, recursos *high tech*, tendência nos museus contemporâneos. É, sobretudo, estar preparado e disposto a acolher todos os visitantes, sem distinção, permitindo que mesmo as vozes dissonantes das nossas possam promover o diálogo. É levar o Museu para além do seu espaço físico, como fazem os projetos *Cantando Alphonsus* e *Alô, Poesia!*, que democratizam a linguagem poética, considerada, por alguns, privilégios de poucos.

O *Cantando Alphonsus* é um sarau lítero-musical, em parceria com a Academia Marianense de Letras. Num primeiro momento é feito um amplo trabalho para que as pessoas conheçam a obra de Alphonsus, com oficinas em escolas, visitas mediadas ao Museu. O projeto culmina com a realização, nas ruas do centro histórico de Mariana, do Sarau Lítero-musical. Participam, em média, alunos de 15 escolas da rede pública e particular de Mariana, Ouro Preto e Santa Bárbara, que apresentam números artísticos inspirados em poemas e outros gêneros literários, pertencentes ao acervo do Museu. Esse projeto apresenta características inerentes à ideia de patrimônio e educação das sensibilidades, uma vez que a arte literária, principalmente a poesia, tem papel relevante no processo de educação das sensibilidades. Releituras, interpretações, paráfrases, paródias, traduções intersemióticas, articulam a obra do poeta Alphonsus e sua memória com o repertório cultural dos sujeitos inseridos no *Cantando Alphonsus*, tornando-a significativa para a contemporaneidade e possibilitando o reconhecimento dela como bem cultural, o que permitindo, conseqüentemente, a



sua apropriação. Além das unidades escolares, participam também grupos artísticos e comunidade em geral. Assim, a cada ano, num ritual coletivo, ultrapassando as fronteiras do sobrado que serviu de residência ao poeta e sua família, O Museu Casa Alphonse de Guimaraens lança-se em muitas direções, ganha as ruas de Mariana e a poesia de Alphonse eterniza-se no movimento vivo de uma comunidade que o canta.

O *Alô, Poesia!* é constituído de oficinas que associam leitura, interpretação e produção de textos poéticos. Considerando que a linguagem poética “rompe a sua qualidade comunicativa, deixando de servir apenas ao objetivo de representar a realidade, para expandi-la, transfigurá-la e transgredi-la” (PAZ, 1982, p.172), a poesia a princípio costuma amedrontar o leitor que, incapaz de desvendar o mundo além das palavras ali dispostas, prefere não se arriscar e se afasta, principalmente pela falta de contato com esse gênero literário. Dessa forma, o *Alô, Poesia!* leva poesia a diversos grupos, familiarizando-os com o gênero, e permitindo, sem pretensões artísticas, a experiência do fazer poético.

Entre um visitante e outro, o Museu Casa Alphonse de Guimaraens, o poeta Alphonse de Guimaraens e sua obra literária renovam-se sob a ótica de um paciente da saúde mental que se sentiu respeitado ao “ser recebido em um lugar tão digno como um museu, mesmo estando descalço”; de uma criança explicando para *Ismália* que “existe foguete” e ela não precisava “ter morrido para pegar a lua”; de uma idosa que entende que a lua, inspiração poética de Alphonse, serve também pra “*alumiá* o caminho das pessoas”; de vozes uníssonas que ecoam no *Hino do Bicentenário da Cidade de Mariana*, alertando que o município já sofreu muito com a mineração e, sobretudo, afirmando que é o povo que pode mudar essa história:

No seio dolente das idas idades
Em meio ao silêncio fiquei a sorrir
A deusa de outrora só tinha saudades
Chorando o passado, esperando o porvir (...)

(...) Aos doces afagos da voz dos meus filhos
Mais bela que outrora, eu irei ressurgir.
(GUIMARAENS, 1911)



Portanto, um museu só se realiza como tal quando não se distancia das relações e convivências humanas e proporciona ao seu visitante uma experiência leitora significativa, que transforma um pouco mais a dureza da vida real em uma experiência com a arte e auxilia na emancipação desses sujeitos. No caso específico do Museu Casa de Alphonsus Guimaraens, trata-se do acesso a bens culturais que representam a memória e a história de um poeta, de uma sociedade, de um lugar e de um tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar como a literatura pode ser apresentada e recebida como objeto museológico, a partir do estudo da exposição de longa duração *Alphonsus de Guimaraens: poeta do luar*, do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens. Por meio da apresentação analítica do acervo, resgatamos alguns dos comentários feitos pelos visitantes que demonstram de que maneira mobiliário, objetos, fotografias, originais de escrita e outros itens expostos foram significativos nas experiências de leitura multimodal dos sujeitos, colaborando para seus multiletramentos.

106

REFERÊNCIAS

AFONSO, Michele Martins. Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica: um lugar de memórias. *Vox Musei Arte e Patrimônio*. Ano 1, n. 1, jan.-jun. 2016. P.38 – 47.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu: fantasia? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972, p. 59. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720711&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em 13 abr. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Luar para Alphonsus. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1970, p. 40. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=12802>. Acesso em 13 abr. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].



BUENO, Alexei. Correspondência de Alphonsus de Guimaraens. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

CHAGAS, Mário. Museus, literatura e emoção de lidar. Cadernos de Sociomuseologia, Museus e políticas de memória, v.19, n.19, p. 5-41, 2002. Disponível em:

<<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/36>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CHAGAS, Mário. Museu e Literatura – fragmentos, cacos, restos e vestígios. In: A LITERATURA VAI AOS MUSEUS. Suplemento Literário – Secretaria de Estado de Cultura, maio de 2011.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, Francois (direção). Conceitos–chave de museologia. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Conselho Internacional de Museus, Superintendência de Museus e Artes Visuais, Secretaria de Estado de Cultura. Belo Horizonte, 2016.

FARACO, Carlos Alberto . Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9217>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

FLORÊNCIO, S.R. Educação Patrimonial Cultural: um processo de mediação. In: TOLENTINO, Átila B. (org). Educação Patrimonial: Reflexões e Práticas. 1ed, João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

GUIMARAENS, Alphonsus. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

GUIMARAENS, Alphonsus; MORAES, Odilon. Ismália. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, David and KALANTZIS, Mary. (Eds.) Multiliteracies. Literacy learning and the design of social futures. London and New York, Routledge, 2000. p. 182-202.

MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. São Paulo: Perspectiva, v. 2, 1987.

PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PONTE, Antônio. Casas – Museu. Entre o conceito e o modelo de ação. Da constituição ao modelo de investigação. Coleção Patrimônio a Norte. 10 Anos de Reflexão Sobre Casas Museu em Portugal. nº 1. Maio de 2019. p. 19-33. Disponível em: <www.culturante.gov.pt>. Acesso em 13 abr. 2021.

REVISTA A CIGARRA, Ano VI, n.112. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em:



<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em 13 abr. 2021.

ROJO, Roxane & MOURA, Eduardo. Letramentos, mídias, linguagens. São Paulo: Parábola, 2012.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. São Paulo: Hucitec, 2008.

SECCHIN, Antônio Carlos. Um Corvo e Seu Duplo: A propósito de um poema de Alphonsus de Guimaraens. Matraga, v.21, n. 35, p. 169-176, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17490/12887>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

VERAS, Eduardo Horta Nassif. O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens: uma leitura do Setenário das Dores de Nossa Senhora. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

108

Recebido em 13 de abril de 2021.

Aprovado em 17 de janeiro de 2022.

THE LITERATURE ON EXHIBITION: ALPHONSUS DE GUIMARAENS: MOONLIGHT POET

Abstract: This article aims to present literature as a museological object, from the study of the long-term exhibition Alphonsus de Guimaraens: moonlight poet, of the Casa Alphonsus de Guimaraens Museum. The analysis is based on assumptions of Pedagogy of Multiliteracies and on Bakhtinian concepts. The concept of multiliteracies refers to the multiplicity of languages, the diversity of cultures and the uses of digital technologies in the teaching and learning processes in the contemporary world. Thus, we intend to present the different rooms that make up the exhibition, trying to demonstrate how visitors to a museum, of different age groups, social conditions and educational levels



can feel belonging to this space, considered to be of cultural prestige and from which it is often excluded. large part of the Brazilian population. According to comments made by the visitors, we identified how the Alphonsine literary production, as well as the writer's personal and family collection, were significant in the subjects' multimodal reading experiences, contributing to their multiliteracies.

Keywords: Literature on exhibition; Literary museums; Multiliteracies; Alphonsus de Guimaraens.

ⁱ O termo mais usual hoje em dia é mediadores, pertinente ao modelo dialógico pelo qual se pautam as ações educativas, o que fez com que vários museus abandonassem os termos *visita guiada*, *visita orientada* e *visita monitorada*, associados à concepção transmissiva do conhecimento.

ⁱⁱ Na 25ª Conferência Geral do ICOM, 2016, surgiu a necessidade de atualizar esse conceito para fazer frente aos novos desafios do mundo contemporâneo, dessa forma, entre 2016 e 2019, foram promovidos encontros e oficinas ao redor do mundo para estimular e colher propostas. Em 2020, foi constituído um grupo de trabalho, ICOM define, que desenvolveu uma metodologia para redação da proposta de definição de Museu a ser votada na 26ª Conferência Geral do ICOM, a se realizar em Praga, em 2022.

ⁱⁱⁱ Código de Ética do ICOM para Museus: Versão Lusófona disponível em <http://www.icom.org.br/>

^{iv} Esse soneto, que recebeu o número LXXIV, foi publicado, posteriormente, no livro *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, em 1923.

^v Órgão Oficial do Partido Republicano no Município de Mariana – MG, criado em 1905 pelo Diretório Municipal do PRM, teve como principal colaborador o chefe político Dr. Gomes Freire de Andrade, amigo de Alphonsus de Guimaraens.

^{vi} Um dos grandes nomes do Modernismo em Minas Gerais, nasceu em Conceição do Serro (1901) e morreu em Belo Horizonte (1944).

^{vii} Mário Cochrane de Alencar, Rio de Janeiro (1872-1925).

^{viii} A letra é de Alphonsus de Guimaraens e a música de Antônio Miguel de Sousa. Marca 200 anos da elevação do arraial à Vila de Nossa Senhora, datada de 1711. É cantado, ainda hoje, em todas as cerimônias cívicas e culturais da cidade.

^{ix} Bakhtin (1895 – 1975) distingue dois tipos de autor: o *autor-pessoa*, que é a pessoa física, o escritor, o artista, e o *autor-criador*, que é a função estético-formal engendradora da obra, é o elemento imanente do todo artístico, o constituinte que dá forma ao objeto estético (FARACO, 2011).

^x O *Museu Casa* se estabelece em uma moradia, portanto “deverá refletir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar, o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objetos e o ambiente em que o patrono viveu ou no qual decorreu qualquer acontecimento de relevância, nacional ou local, e que justificou a criação desta unidade museológica” (PONTE, 2019, p. 20).

^{xi} Expografia é o termo usado para designar a arte da exposição dentro da museografia, que, por sua vez, é a “figura prática ou aplicada da museologia (...) conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu, à salvaguarda e à comunicação” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2016, p. 58).

^{xii} http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=15 acesso em 13/07/2020 às 14:47

^{xiii} Os restos mortais do poeta foram transladados do cemitério do Rosário para o cemitério municipal, anexo à capela de Santana, no dia 24 de outubro de 1953, onde foi construído um mausoléu com outra inscrição: *Minh'alma é uma cruz enterrada no céu.*



^{xiv} Uma referência à *Folhinha de Mariana* - calendário impresso anualmente, desde 1870, em Mariana pela Gráfica Dom Viçoso, da Arquidiocese de Mariana, que marca o santo do dia, orienta a agricultura e informa a previsão do tempo. O que está em evidência nessa *Folhinha Alphonsina* é seu caráter colaborativo, pois quem escolhe o texto a ser lido é o visitante, que pode trocar o texto de acordo com a sua vontade. Dessa maneira, esses objetos tornam-se verdadeiros hipertextos, e podem ser lidos à moda da navegação pelos textos disponíveis na rede de computadores.

^{xv} Revista que circulou em São Paulo (1914-1975) e apresentava as transformações sociais e culturais da cidade, através de notícias e textos literários.

^{xvi} Poema narrativo, publicado em 1977, por Carlos Drummond de Andrade, relatando o encontro de Alphonsus de Guimaraens e Mário de Andrade.

^{xvii} Residência do político, mecenas e amigo de Alphonsus, José de Freitas Valle, palco de concorridos saraus poéticos no início do século XX.

^{xviii} Mário de Andrade em artigo da revista *A Cigarra*, 1919, referindo-se à visita que fez a Alphonsus. Disponível em

<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/CI191908117.pdf>

^{xix} Segundo a crítica literária Tiphaine Samoyault, a intertextualidade pode ser compreendida como sendo a própria memória da literatura, uma vez que o termo intertextualidade se expande para múltiplos sentidos: tessitura, biblioteca, entrelaçamento, incorporação ou simplesmente diálogo.

^{xx} Gastão Villeroy e Milton Nascimento – Álbum Amazonia Amazonia (2016) disponível em <https://open.spotify.com/album/2WoyFAXFHdEoW9tmCyQpzP?highlight=spotify:track:4D3KUQ0UO5fYBuudEVnAMP>

^{xxi} Essa e outras edições da revista podem ser consultadas em http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital

^{xxii} Interpretada por Inezita Barroso, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=947DHsjSV2A>

^{xxiii} Disponível em <https://soundcloud.com/composercdf/ismalia>

^{xxiv} Trecho retirado de uma correspondência de Alphonsus ao escritor carioca Mario de Alencar.